

Alexander KIELLAND

GARMAN & WORSE

Um Romance Norueguês



cavalo de ferro

I

Nada é tão ilimitado quanto o mar, nada tão paciente. Carrega às suas largas costas, como um elefante amigável, os minúsculos anões que trilham a Terra; e tem nas suas vastas e frescas profundezas lugar para todas as lamentações do mundo. Não é verdade que o mar é traiçoeiro, pois nunca prometeu nada: sem exigências, sem obrigações, livre, puro e autêntico bate o grande coração, o último saudável num mundo doente.

E enquanto os anões esforçam os olhos para ver acima dele, o mar canta a sua velha canção. Muitos mal a percebem, mas nunca dois a entendem da mesma forma, porque o mar tem uma palavra diferente para cada um que se coloca cara a cara consigo.

Sorri com reluzentes ondulações verdes ao rapaz descalço que apanha caranguejos; rebenta em ondas azuis contra o navio, e envia a fresca e salgada espuma bem acima do convés; pesadas e plúmbeas vagas enrolam-se na praia, e enquanto o cansado olho segue as longas e esbranquiçadas ondas que quebram, as listras de espuma arrojaram-se à praia em cintilantes curvas sobre a areia plana; e no som oco, quando as ondas se enrolam pela última vez, há algo semelhante a um entendimento escondido — cada um pensa na sua própria vida, e inclina a cabeça para o oceano como se este fosse um amigo que tudo sabe e tudo esconde fielmente.

Contudo, nunca se saberá o que o mar é para aqueles que vivem ao longo da sua costa, pois eles nada dizem. Vivem toda a sua vida com o rosto voltado para o oceano; o mar é o seu companheiro, o seu conselheiro, o seu amigo e o seu inimigo, o seu sustento e o seu cemitério. A relação permanece, por

consequente, silenciosa, e o olhar que se fixa sobre o mar muda com o seu aspecto variável — ora reconfortante, ora parcialmente receoso e desafiador.

Mas pega num desses habitantes da costa e desloca-o para as montanhas, bem no interior, para o vale mais agradável que consiga encontrar; dá-lhe a melhor comida e a cama mais suave. Não tocará na tua comida, nem dormirá na tua cama, mas irá, sem virar a cabeça, trepar de montanha a montanha, até tão longe quanto necessário para o seu olhar captar algo azul que conheça. Aí, o seu coração acelera; ele olha para a pequena faixa azulada que brilha muito longe, até se tornar um cintilante horizonte azul; mas ele nada diz.

As pessoas da cidade diziam frequentemente a Richard Garman: «Olhe lá, Hr.¹ secretário de legação, como consegue aguentar aquela vida solitária lá no seu farol?!»

O velho cavalheiro respondia sempre: «Bem, reparem, uma pessoa nunca se sente sozinha junto ao mar quando outrora consigo travou conhecimento; e, além disso, tenho a minha pequena Madeleine.»

E era isso o que sentia. Os dez anos que passara na solitária costa estavam entre os melhores da sua vida, e essa vida fora suficientemente movimentada e diversificada. Mas, fosse por estar agora cansado do mundo, ou por causa da sua filhinha, ou porque o mar o atraía, ou por um pouco de todos os três, ele sossegara, e nunca mais pensara em abandonar o farol de Bratvold.

Ninguém acreditaria nisto; e quando se soube que o Hr. secretário de legação Richard Garman, filho da principal casa comercial da cidade, procurava o singelo cargo de faroleiro, a maioria das pessoas riu-se efusivamente diante desta nova invenção «do licenciado louco».

«O licenciado louco» era uma alcunha usada na cidade para Richard Garman, e que era indubitavelmente bem merecida.

De facto, embora pouco tivesse estado em casa desde que se tornara adulto, conheciam o suficiente da sua vida agradável e alegre para se cruzarem com ele com admiração secreta.

1 «Hr.» é o equivalente de «Sr.», sendo um diminutivo de «*Herr*», «senhor». [N. do T.]

Além disso, as suas visitas ao lar eram frequentemente relacionadas com um qualquer outro grandioso e solene acontecimento. Assim aconteceu quando, enquanto era um jovem estudante, se apresentou no funeral da sua mãe; e ainda mais quando ao voltar a casa, a uma velocidade estonteante, vindo de Paris, foi até junto do leito de morte do velho cônsul, com um traje e uns modos que arrebataram o fôlego da maioria das senhoras e levou os senhores ao desespero.

A partir daí, pouco fora visto. Mas os rumores mantiveram o seu poder sobre si: em breve, um caixeiro-viajante vira-o no Hotel Zinck em Hamburgo; depois vivia num palácio; e a seguir vive nas docas e escreve cartas para os marinheiros em troca de um copo de cerveja.

Porém, num belo dia viu-se a grande carruagem da Garman & Worse a caminho do cais dos navios a vapor. No assento traseiro iam sentados o titular da firma, o cônsul C. F. Garman, e a sua jovem filha, Frøken² Rachel; o pequeno Gabriel — o seu filho mais novo — sentava-se ao lado do cocheiro.

Uma curiosidade insuportável torturava os grupos de pessoas no cais. A grande carruagem raramente era vista na cidade — e agora esperava aqui notoriamente pelo vapor de Hamburgo. Por fim, um empregado da firma foi até à janela da carruagem e, após alguns comentários irrelevantes, atreveu-se a perguntar de quem estavam à espera.

— Estou à espera do meu irmão, o secretário de legação, e da sua jovem filha — respondeu o cônsul Garman, enquanto ajustava, com um movimento que lhe era peculiar, o seu queixo escanhado à rígida gravata.

Esta informação aumentou a excitação. Richard Garman estava a chegar, «o licenciado louco» — o secretário de legação —, como era por vezes chamado; e traria consigo uma filha. Como poderia ser sua filha? Ter-se-ia casado? Não parecia coisa dele!

O vapor chegou. O cônsul Garman subiu a bordo e regressou pouco depois com o irmão e uma pequena menina morena — que era, provavelmente, a filha. Richard Garman foi depressa

2 Designação dada a jovens mulheres solteiras. [N. do T.]

reconhecido, embora se tivesse tornado um pouco mais entroncado. Mas o porte rectilíneo e esbelto e o elegante bigode preto eram os mesmos; o cabelo era ainda denso e encaracolado como nos velhos tempos, mas estava ligeiramente grisalho nas têmporas. Cumprimentou-os todos amavelmente enquanto se deslocava para a carruagem, e mais de uma senhora sentiu que o olhar lançado pelos seus brilhantes olhos castanhos lhe sorria por momentos.

A carruagem rolou através da cidade e pela longa avenida abaixo que conduzia à enorme propriedade da família de Sandsgaard.

A cidade cochichou-o até quase à exaustão, mas sem nenhum resultado. A família Garman cuidava bem dos seus segredos.

No entanto, isto era claro: Richard Garman gastara toda a sua grande fortuna, ou nunca teria consentido em regressar a casa e comer o pão caritativo em casa do irmão. Mas, por outro lado, a relação entre os irmãos era, aparentemente, boa. O cônsul ofereceu um grande jantar, no qual bebeu à saúde do seu «irmão, o secretário de legação», acrescentando simultaneamente a esperança de que este pudesse sentir-se feliz no antigo lar.

Não há nada mais irritante do que escândalos semiconcretizados, e quando Richard Garman recebeu, pouco tempo depois, o cargo de faroleiro em Bratvold, e viveu lá ano após ano sem dar mais esperanças de fazer algo digno de comentário, todas as pessoas na pequena cidade sentiram-se pessoalmente ofendidas, e era uma fonte de admiração para todos quão pouco os Garmans pareciam compreender o que deviam ao mundo.

Além disso, o próprio secretário de legação não estava totalmente certo quanto ao modo como tudo se passara. Havia algo muito estranho com Christian Fredrik. Sempre que encontrava o irmão, ou mesmo quando recebia uma carta dele, todo o seu carácter parecia mudar: coisas que de outro modo nunca pensaria em tentar surgiam-lhe todas de uma vez, de forma bastante fácil, e fez coisas que posteriormente lhe causaram o maior espanto.

Quando, deprimido e desesperado, escreveu para casa pela última vez, para implorar ao irmão que tomasse conta da pequena Madeleine, o seu único pensamento era o de acabar o mais depressa possível com a sua vida desperdiçada, assim que a filha estivesse em segurança. Mas recebeu, então, uma carta extraordinária com dinheiro dentro. Tinha também vários termos comerciais difíceis. Havia algo sobre «liquidação» e «o encerramento de uma conta que requeria a sua presença», e, no meio de tudo isto, estavam expressões que não se encaixavam e que pareciam ter-se desencaminhado e tropeçado no estilo comercial. Por exemplo, num local estava «irmão, meu companheiro de infância»; e, mais à frente, «o meu sincero desejo de relações fraternas»; e, por fim, leu, no meio de uma longa e complicada frase: «caro Richard, não percas a coragem!».

Isto colocou Richard Garman em movimento; fez um esforço e regressou a casa. Quando viu o irmão entrar a bordo do paquete, as lágrimas vieram-lhe aos olhos, e estava a ponto de abrir os braços para o abraçar. Contudo, o cônsul esticou a mão e disse serenamente:

— Bem-vindo, Richard! Tens a tua roupa à mão?

Uma vez que não chegaram a falar sobre isso, Richard arriscou aludir à carta apenas uma vez. Mas o cônsul parecia pensar que ele desejava liquidar definitivamente as contas que nela haviam sido mencionadas. Nada poderia estar mais afastado dos pensamentos do secretário de legação, e este quase se sentiu ofendido.

O Christian Fredrik é um excelente homem, pensava Richard, mas parece-se demasiado com um comerciante!

Certo dia, o cônsul Garman disse ao irmão:

— Richard, vamos até Bratvold dar uma vista de olhos ao novo farol?

Richard iria de bom grado; adorava, desde a infância, o peculiar litoral, com as suas longas extensões de urze escura e areia, e o vasto mar aberto. O farol também lhe caiu no goto, e quando os irmãos entraram na carruagem novamente para voltar à cidade, ele disse:

— Sabes, Christian Fredrik, não consigo imaginar um cargo mais adequado a um náufrago como eu do que o de faroleiro aqui.

— Não há nenhuma razão para que o não possas ser — respondeu o irmão.

— Ora! Como poderia consegui-lo? — respondeu Richard, enquanto retirava as cinzas do charuto.

— Escuta, Richard! — exclamou bruscamente o cônsul. — Se há coisa de que te posso censurar é a tua falta de autoconfiança. Não crês que, com as tuas capacidades e conhecimentos, podias arranjar um posto muito mais elevado se simplesmente te candidatasses?

— Não... mas, Christian Fredrik! — exclamou, surpreso, o secretário de legação, olhando para o irmão.

— É como digo! — continuou o cônsul. — Se queres o posto, têm, naturalmente, de to dar; e, se houver alguma dificuldade, penso que uma palavra nossa ao governador da comuna certamente clarificaria tudo.

O assunto ficou, assim, resolvido. Richard Garman foi nomeado faroleiro em Bratvold, ou pelas suas capacidades e conhecimentos, ou por causa de uma palavra ao governador da comuna.

A grande monotonia da sua nova existência tornava bom o velho cavalheiro. Executava os poucos deveres que lhe tinham incumbido com as maiores seriedade e precisão. Passava a maior parte do seu tempo livre a fumar cigarros e a olhar para o mar através do grande telescópio montado num tripé, que recebera de presente de Christian Fredrik. Ele estava realmente cansado e surpreso por haver mantido durante tanto tempo o gosto pela vida irregular que levava em terras estrangeiras.

Mas havia uma coisa com que o secretário de legação se maravilhava ainda mais: quão bem conseguia viver com os seus rendimentos. Viver com cem coroas por ano parecia-lhe uma façanha fantástica e, no entanto, ele conseguia-o. Há que dizer que ele tinha um pequeno rendimento extra; Christian Fredrik, porém, sempre lhe dissera que nada valia. Quanto era, e de onde realmente provinha, nunca o soubera. É certo que todos os anos lhe chegava um extracto da conta corrente da Garman & Worse, escrita pela própria mão do cônsul, e que também recebia frequentemente cartas comerciais do irmão.

Mas nem uma coisa nem outra tornavam as coisas claras para o faroleiro. Assinava o seu nome em todos os papéis que lhe eram enviados, naquele que lhe parecia o «espaço disponível». Recebia, por vezes, uma letra de câmbio para «executar», e fazia isto o melhor que sabia; mas ainda assim tudo se lhe apresentava no mesmo estado de obscuridade como anteriormente.

No entanto, uma coisa era certa: ele aguentava-se — aguentava-se muito bem. Tinha dois assistentes no farol; tinha *Don Juan*, o seu cavalo de montar, e um cavalo de trabalho; tinha abundância de vinho e sempre algum dinheiro disponível, para o qual não tinha uso imediato.

Deste modo, quando alguém se lhe queixava dos maus tempos, recomendava-lhe ir para o campo; era incrível quão barata era lá a vida.

Nos dez anos que ali passaram, Madeleine crescera dos oito aos 18 anos. Ela também prosperou além de todas as expectativas, e quando ficou à vontade com a língua — a sua mãe era francesa —, depressa ficou conhecida e querida por todos no círculo em torno do farol. Não permanecia muito em casa, mas passava a maior parte do tempo nas quintas e, de preferência, junto ao mar, no pequeno porto de barcos.

Um regimento inteiro de governantas tentara ensinar Madeleine, mas ela dificilmente aprendia. Além disso, o pai não conseguia suportar governantas feias; e quando chegava uma que era bonita, também não servia — havia outras objecções.

O faroleiro visitava frequentemente Sandsgaard, quer no *Don Juan*, quer na carruagem de duas rodas da Garman & Worse, que era enviada para o levar. Por outro lado, a casa fria e antiquada e os modos reservados e polidos dos seus habitantes haviam criado uma impressão repelente em Madeleine. Não conseguia suportar nem mesmo a sua prima Rachel, que era apenas alguns anos mais velha do que ela. Ficava, por conseguinte, sempre em casa, e o pai nunca estava ausente mais do que alguns dias de cada vez.

Passava a maior parte do tempo na praia ou nas cabanas da vizinhança, na companhia dos pescadores e dos pilotos. Sendo alegre e destemida, estes homens tinham prazer em levá-la nos

seus barcos quando estava bom tempo. Assim, aprendeu a pescar, a manobrar uma vela, e a distinguir as embarcações pelos seus enramamentos.

Madeleine tinha um amigo muito bom, chamado Per, que era três ou quatro anos mais velho do que ela, e que vivia na cabana mais próxima do farol.

Per era alto e forte, tinha um cabelo forte e ruivo, e mãos tão duras quanto cornos por causa do constante remar. Os seus olhos eram pequenos e argutos, como é frequentemente visto entre aqueles que estão habituados desde a infância a observar o mar através da chuva e do nevoeiro.

O pai de Per fora viúvo, e Per, o seu único filho. Mas acabou por casar-se novamente, e a família passou a aumentar ano após ano. As pessoas estavam sempre a incitar Per para que exigisse a partilha da propriedade, mas Per queria «esperar para ver».

Contudo, quanto mais esperava, mais irmãos e irmãs tinha para consigo dividir. As pessoas riam-se dele à socapa, e certo dia alguém lhe chamou «Per-Espera», uma piada que causou grande divertimento na altura, e a alcunha colou-se-lhe para sempre depois disso.

Por outro lado, Per não era um rapaz de quem se rir; era um dos mais activos no mar e, ao mesmo tempo, o homem mais pacífico em terra. Não se preocupava em destacar-se, mas tinha um tipo de amor natural pelo trabalho e não tinha medo de nada. Assim, as pessoas viam Per-Espera como um rapaz que se daria bem na vida.

A amizade entre Per e Madeleine era muito afectuosa de ambos os lados. Ao início, alguns dos outros rapazes tentaram afastá-la dele, mas então, certo dia, estando ela fora com Per, levantou-se uma brisa de noroeste. O barco e o equipamento de Per estavam sempre na melhor forma, por isso não houve nenhum perigo; no entanto, o faroleiro, que vira o barco através do grande telescópio, correu para a praia e foi até ao pequeno cais para os encontrar.

— Ali está o pai — disse Madeleine. — Estará preocupado por nossa causa?

— Oh, acho que ele sabe que não é necessário — disse Per, pensativo.

Entretanto, o secretário de legação não conseguia deixar de se sentir um pouco inseguro enquanto observava o barco. Mas quando, com uma mão firme, Per o conduziu pela água e o virou para o cais, de forma a deslizá-lo serenamente para a água calma atrás dele, o velho cavalheiro não pôde deixar de se impressionar com as suas capacidades.

— Ele sabe o que faz — murmurou ele, enquanto ajudava a filha a subir; então, em vez do sermão que preparara, disse apenas: — És um rapaz esperto, Per! Mas não tens autorização para navegar a sós com ela.

Não havia ninguém na vizinhança que pudesse ouvir as palavras do velho senhor; mas então, quando ambos se cumprimentaram — Madeleine estendeu-lhe a mão —, todos aqueles que o viram a partir do cais ou das quintas no alto perceberam que Per estava ainda nas boas graças do faroleiro. E, a partir desse dia, tomou-se como certo que apenas Per tinha o direito de acompanhar a jovem.

Per pensou várias vezes sobre quem levaria consigo no barco. Entendia muito bem que todo o prazer desapareceria se um dos seus amigos fosse com eles. Por fim, escolheu um pobre rapaz da vizinhança, que era tolinho e que também ouvia muito mal. Ninguém percebia o que Per pretendia fazer com o «Hans Idiota» no seu barco; mas Per fora sempre um tipo peculiar. Estava feliz com a sua escolha, assim como Madeleine. E quando esta, alguns dias depois, pôs a cabeça por entre a porta e gritou ao pai: «Vou só velejar um pouco com o Per», foi capaz de acrescentar, com consciência limpa: «Sim, ele tem alguém com ele, já que fazes tanta questão disso!»

Não pôde deixar de se rir enquanto ambos corriam pela encosta abaixo. Mas o faroleiro foi até junto do grande telescópio.

Era certo: Per estava sentado à popa, e depois Madeleine entrou no barco. Na proa sentava-se um homem, vestido com um tecido grosseiro e um capuz amarelo na cabeça.

— *Bien!* — disse o velho senhor, com uma expressão de alívio. — É bom que tenham alguém com eles... em todos os aspectos.

II

O ponto mais elevado nas dez milhas de costa arenosa e plana era o promontório de Bratvold, onde o farol fora construído mesmo no limite da encosta, que ali descia tão abruptamente em direcção ao mar que tornava a descida difícil e perigosa, enquanto obrigava a que a subida se fizesse por um percurso tortuoso. As ovelhas, que ali pastavam desde tempos imemoriais, tinham aberto, nas íngremes colinas, uma rede de caminhos, e estes, vistos a alguma distância, pareciam formar um padrão de arcos e frestões na sua superfície.

Do ponto mais alto e inclinado, onde o farol se localizava, a costa curvava ligeiramente para sul, e na outra ponta desta curva ficava a grande quinta de Bratvold, que, com os seus inúmeros edifícios próximos uns dos outros, parecia uma pequena aldeia.

Na praia abaixo da quinta ficava o pequeno porto de barcos, abrigado por um paredão de grandes pedras. O porto era dominado pelas janelas do farol, de forma que Madeleine podia sempre manter um olho no barco de Per, que lhe era tão familiar quanto a sua sala de estar.

Esta era uma divisão grande e agradável. O farol, que não era mais alto do que o resto do edifício, ficava na sua esquina sudoeste. A sala tinha, por conseguinte, uma grande janela virada para o mar, e outra virada a norte, para as dunas arenosas, que eram pontilhadas com amontoados de urze e erva.

O faroleiro tinha, na sala de estar, os seus livros, a sua escrivaninha e o mais importante: o grande telescópio. Estava feito de modo a girar no tripé, de forma a observar o mar a norte. Madeleine tinha também ali as suas flores e a sua mesa de

trabalho, e a mobília elegante que o tio Garman mandara vir de Copenhaga — cujo baixo preço o secretário de legação não conseguia deixar de admirar — dava à sala um aspecto luminoso e acolhedor.

Nas longas noites em que as tempestades de Inverno vinham embater no pequeno farol, pai e filha sentavam-se, confortáveis e quentes, atrás do abrigo das suas paredes espessas e persianas fechadas, enquanto a luz caía em raios regulares e bem definidos sobre as ondas, que fervilhavam e rugiam na praia. O oceano em constante mudança misturava-se com a sua conversa, as suas gargalhadas, a sua música — as suas vidas adquiriram um gosto fresco desse mar sempre diferente que batia sob as janelas.

Madeleine herdara muito do carácter vivo do pai; mas tinha também uma espécie de impetuosidade — a que uma das suas governantas chamara desdém. Assim, ao crescer, passou consequentemente a ser a mais forte, e o pai, como era seu costume, cedia à vontade dela. Ria-se diante da sua pequena tirana, que lhe desgrenhava o espesso cabelo encaracolado. Quando, no seu modo semiabstraido, o velho senhor lhe confessava a sua inquietação, ela repreendia-o. Mas quando, por uma ou outra causa, ele realmente se zangava com ela, isto afectava-a tanto que a impressão permanecia durante muito tempo. O seu carácter era jovial e alegre, mas ela ansiava pela luz do sol; quando o pai andava carrancudo não conseguia deixar de pensar que era culpa sua, e ficava bastante desanimada.

Madeleine herdara também os olhos castanho-escuros e cintilantes do pai, mas, fora isso, a sua única semelhança com ele consistia no porte ligeiro e nos belos movimentos. A sua boca era bastante grande e a sua tez, um pouco bronzada. Ninguém podia negar que era uma rapariga valente, mas ninguém diria que era bonita; a maioria dos jovens concordaria que era feia.

Numa bela tarde no início da Primavera, Per esperava com o seu barco ao largo do cais. Não tinha consigo o Hans Idiota, pois tanto ele quanto Madeleine haviam decidido que não era necessário quando saíam apenas para remar; e nesse dia tinham só de encher as armadilhas de lagosta com isca fresca para a noite.

Os pescadores remaram, um após o outro, através do canal estreito. Todos tinham alguma pequena piada maldosa para lhe atirar a bordo, e mais uma vez se ouviu o irritante «espera». Ele começou a perder a paciência e pousou os remos, olhando fixamente para o farol lá em cima.

Mas ali tudo estava silencioso. A pequena e sólida casa de pedra parecia tão serena e bem definida à radiante luz do sol que brilhava nas vidraças polidas e no telhado pintado de vermelho sobre a lanterna do farol, onde ele conseguia ver o encarregado da iluminação a caminhar ao redor da sua pequena galeria, dando lustre aos prismas.

Por fim, após muito tempo, ela apareceu nas escadas e, no momento seguinte, estava no jardim; passou por cima da cerca que pertencia ao farol, saiu pelo pequeno portão na cerca, e desceu então a ladeira a toda a velocidade.

— Tens estado à espera? — gritou ela, quando chegou ao extremo do paredão.

«Não saltes!», teria ele gritado de volta, mas era demasiado tarde; ela tinha, sem diminuir a sua velocidade, saltado do cais para dentro do barco. Os seus pés escorregaram e ela caiu de tal modo que ficou sentada no fundo do barco, enquanto parte do vestido pendia na água.

— Diabo da mulher! — gritou Per, que lhe dissera uma centena de vezes para não saltar. — Agora magoaste-te!

— Não — respondeu ela.

— Sim, magoaste-te!

— Bem, só um pouco — respondeu ela, enquanto o olhava fixamente; mas as lágrimas chegaram aos olhos, já que se tinha, de facto, ferido seriamente na perna.

— Deixa-me ver — disse Per.

— Não, não conseguirás! — respondeu ela, puxando sobre si o vestido.

Per começou a dirigir-se para a costa.

— O que estás a fazer?

— Vou arranjar alguma aguardente para esfregar o teu pé.

— Raios, isso é que não!

— Bem, então não podes ir comigo — respondeu Per.

— Muito bem... então deixa-me subir!

Antes que o barco tocasse no solo, ela saltou para terra, pisando uma pedra, subiu o paredão e afastou-se apressadamente. Cerrava os dentes com a dor enquanto caminhava, mas ainda assim seguia, com os olhos fixos no chão, o percurso bem conhecido.

Ao passar em frente das casas dos barcos, teve de caminhar por cima de remos, barris de alcatrão, velhos lambazes e todo o tipo de lixo que fica espalhado entre os barcos. Havia, a toda a volta, pinças de caranguejos e cabeças de bacalhau parcialmente decompostas, em cujas órbitas oculares as grandes e inchadas moscas saíam e entravam.

Ela chegou ao farol sem virar a cabeça; estava determinada a não olhar para ele. No entanto, foi obrigada a parar no topo para recuperar o fôlego; poderia ver quão longe ele tinha ido.

Madeleine sabia que os outros pescadores tinham um longo avanço, e esperava, por conseguinte, encontrar o seu barco muito atrás — entre eles e a costa. Mas não o conseguia ver, nem lá nem no porto. Então, o seu olhar captou a bem conhecida embarcação, que não estava, no entanto, muito para trás, mas quase ao mesmo nível da última; Per devia ter remado como um louco. Ela sabia calcular as distâncias e podia apreciar tamanho ímpeto de remada, e, esquecendo completamente a sua dor e o facto de estar sozinha, virou-se, como se para uma multidão de espectadores, e apontando para os barcos, disse, com olhos brilhantes:

— Olhem para ele! Aquilo é que é remar!

Entretanto, Per estava sentado no seu barco, batendo violentamente com os remos até estes rangerem. Era como se desejasse punir-se pelos seus esforços gigantescos. Ela tornava-se, à medida que remava para o mar, cada vez mais pequena, até, por fim, ficar fora de vista; mas ele merecera-o. «O diabo da mulher!», dizia ele, e cada vez que repetia as palavras saltava para os remos como se para salvar a vida.

O dia seguinte foi também um belo dia soalheiro. O mar repousava tão tranquilamente quanto é possível na brilhante luz do dia. Um barco inglês de apanha de lagosta andava em

alto-mar, com velas parcialmente desfraldadas, e podia ver-se a parte bamba do cordame esticado, pois a embarcação balançava delicadamente na fraca ondulação.

Madeleine estava sentada junto à janela; não iria sair. O seu olhar seguia o barco de apanha de lagosta, que ela tão bem conhecia: era o *Flying Fish*, comandado pelo capitão Crabb, de Hull.

Per deveria andar também a apanhar lagostas nessa manhã; mas teria apanhado muitas?

Talvez se tivesse cansado no dia anterior, ao remar. Saiu para a ladeira e olhou para o porto em baixo. O barco dele estava lá; Per poderia estar doente.

Subitamente, decidiu correr pela ladeira abaixo e perguntar a um homem que vira junto às casas dos barcos. Mas a meio da encosta encontrou alguém que a subia. Madeleine não o conseguira ver antes porque ele estava na parte mais inclinada da colina, mas reconheceu-o logo e abrandou o passo.

Per também a devia ter visto, embora estivesse a olhar para baixo, porque a alguns passos dela deixou o trilho principal e seguiu um mais pequeno que ficava ligeiramente mais abaixo. Quando, por conseguinte, ficaram lado a lado, ela estava um pouco mais alta do que ele. Per tinha um cesto às costas e Madeleine conseguia ver que tinha algas dentro. Nenhum deles dizia uma palavra, e ambos se sentiam prestes a sufocar.

Ela, depois de dar meio passo em frente, virou-se e perguntou:

— O que tens no cesto, Per?

— Uma lagosta — respondeu ele, enquanto tirava o cesto das costas e o pousava no chão.

— Deixa-me ver — disse Madeleine.

Ele afastou rapidamente as algas e tirou uma lagosta gigantesca, que agitava a sua grande cauda escamosa.

— É uma lagosta monstruosa! — gritou ela.

— Sim, não é das mais pequenas.

— O que vais fazer com ela?

— Perguntar ao faroleiro se quer ficar com ela.

— O que queres em troca? — perguntou ela, embora soubesse perfeitamente que seria um presente.

— Nada — respondeu laconicamente Per.

— Isso é generoso da tua parte, Per!

— Oh, não é nada — respondeu ele, enquanto colocava as algas novamente no cesto.

Mas a seguir, ao chegar o momento da despedida, disse:

— Como está o teu pé?

— Bem, obrigada. Apliquei-lhe a aguardente.

— Doeu-te muito? — perguntou Per.

— Não, não muito.

— Fico contente que o tenhas feito — disse ele, ao levantar os olhos até ao nível do seu queixo.

Tinham então de se separar, porque nada mais havia a dizer, mas Madeleine não conseguia deixar de pensar que Per estava desamparado.

— Adeus, Per!

— Adeus! — respondeu ele, e ambos se afastaram alguns passos.

— Per, aonde vais depois de te livrares da lagosta?

— A nenhum sítio em particular — respondeu Per.

Ele era, realmente, muito estúpido, mas ainda assim ela virou-se e disse-lhe:

— Vou até às dunas no lado norte, onde o tempo está tão agradável. — E começou a correr.

— Está bem! — respondeu Per, saltando como um gato pela encosta acima.

Enquanto corria, atirou fora as algas de forma a ter a lagosta pronta; e, quando chegou à porta da cozinha, atirou o monstro para um banco e gritou «aqui tem!», à medida que desaparecia.

A criada reconhecera-lhe a voz, e correu atrás dele para encomendar peixe fresco para sexta-feira, mas ele já ia longe. Olhou para ele com admiração e murmurou:

— Acho que o Per não está bem da cabeça!

A norte estendiam-se as amarelas dunas com os seus tufos de erva verde, até tão longe quanto o olhar podia alcançar.

O litoral curvava-se em pequenas baías e cabos; aqui e ali, um grupo de barcos; as gaivotas e os gansos-de-faces-negras andavam ocupados na praia, enquanto as vagas se enrolavam em pequenas ondas encurvadas que brilhavam à clara luz solar.

Per depressa alcançou Madeleine, pois ela caminhava lentamente nesse dia. Ela puxara alguns jovens rebentos de erva, que, à medida que caminhava, tentava pôr no chapéu.

A discussão do dia anterior pairava pesadamente sobre ambos. Fora realmente a primeira vez que algo desse género ocorrera entre eles; e porventura sentiram — cada um à sua maneira — que estavam à beira de um ponto de viragem. Assim, esforçavam-se para evitar o assunto que, de facto, lhes ocupava os pensamentos. A conversa caiu, por conseguinte, num tom despreocupado e desconexo, com frases curtas e soltas. Por fim, ela fez um esforço para o dirigir ao assunto e perguntou-lhe se tinha apanhado muitas lagostas nessa noite.

— Vinte e sete — respondeu Per.

Não eram nem muitas nem poucas, por isso nada mais havia a dizer sobre isso.

— Ontem remaste com muita força — disse ela, olhando para baixo, pois sentia estarem a aproximar-se do ponto.

— Foi porque... foi porque... porque estava sozinho no barco — gaguejou ele. Percebeu de imediato que fora um comentário estúpido, mas já não o podia corrigir.

— Talvez prefiras andar sozinho no barco? — perguntou ela abruptamente, fixando nele os olhos.

Mas quando ela o viu diante de si — aquele grande homem, desesperado e em tão miserável estado de confusão mas, ainda assim, forte e belo, saltou, colocou os braços à volta do seu pescoço e disse, meio a rir-se, meio a chorar:

— Oh, Per! Per!

Per não fazia a mais pequena ideia de como se deveria comportar quando uma senhora tinha os braços à volta do seu pescoço, por isso permaneceu muito quieto. Olhou para baixo, para o longo cabelo escuro e costas esguias dela, e, tremendo com a sua própria audácia, colocou o seu pesado braço suavemente à sua volta.

Tinham ido para o meio das dunas, e ela estava então sentada na areia quente, abaixo e atrás de um dos maiores tufos. Ele tomou o lugar ao seu lado.

Per sentou-se e olhou vagarosamente à volta. Lançava, de vez em quando, os olhos sobre ela, mas ainda de forma receosa; era óbvio que não entendia a situação. E ele, por fim, pareceu-lhe tão absurdo que ela saltou e gritou:

— Anda, Per, vamos correr!

E lá foram eles, ora a correr, ora a passo. As pesadas botas de Per deixavam uma larga impressão sobre a areia, e a marca dos sapatos dela parecia tão minúscula quando com ela comparada que eles não podiam deixar de dar meia-volta e rir-se. Eles brincavam e riam-se como se não soubessem que já não eram crianças, e ela fez Per prometer que deixaria de mascar tabaco.

Estes corações jovens foram bem longe ao longo da costa tortuosa, com o ar salgado do oceano sobre eles, celebrando a sua vida, enquanto as vagas se enrolavam em pequenas ondas encurvadas que brilhavam à clara luz solar.

O faroleiro acabara de escrever uma carta ao irmão. Era uma dessas cartas de negócios entediantes, contendo algumas letras de câmbio. Ele nunca conseguia perceber onde era o local indicado para pôr o nome nestes documentos cansativos e longos. Mas — por mais incrível que pareça — o irmão dizia-lhe sempre que estava completamente correcto, e Christian Fredrik era muito minucioso em tais assuntos. O velho cavalleiro já enviara a carta e começava a respirar com mais facilidade quando foi à janela e olhou para fora. Viu dois vultos a deslocarem-se para a areia lisa a norte. Parcialmente abstraído, foi até à outra janela e direccionou o grande telescópio.

— Mau! — disse ele. — Lá estão eles outra vez.

Subitamente, continuou:

— O que está a fazer? Está louca!

O secretário de legação voltou a encostar o olho ao telescópio e atirou fora o cigarro. Sim, não havia dúvida! Era a sua Madeleine pendurada no pescoço de Per-Espera.

Esfregou avidamente a lente com o lenço. Vejam lá! Eles caminhavam, de forma suficientemente respeitosa, lado a lado;

agora estavam entre montículos de terra cobertos de ervas, e desapareceram de vista atrás de um destes tufos. Apreensivo, orientou o telescópio para o outro lado do montículo e esperou.

— E agora? — tartamudeou ele, esfregando novamente a lente. Não tinham ainda voltado a aparecer.

Passaram-se alguns minutos e o faroleiro ficou nervoso. Por fim, viu um vulto levantar-se e, logo a seguir, um segundo. O telescópio era excelente, e o velho senhor apreendeu a situação tão bem como se estivesse sentado ao lado deles, no meio dos caniços.

— Bem, bem, podia ser pior! — murmurou. — Mas já é suficientemente mau. É talvez melhor enviá-la para a cidade.

Ao jantar, disse-lhe:

— Sabes, Madeleine, que há muito que se fala sobre passares algum tempo em Sandsgaard.

— Oh, não, pai — rompeu Madeleine, olhando-o suplicantemente.

— Sim, filha; está mais que na altura disso, na minha opinião. — Disse isto num tom invulgarmente determinado.

Madeleine suspeitou que ele sabia tudo, e subitamente apercebeu-se de que passara uma manhã estranha. Enquanto se sentava lá, na sua divisão bem ordenada, à frente do pai, que parecia tão refinado e imponente, Per e a praia, e tudo o que lhe pertencia, surgiam de forma bastante diferente e, em vez da franca confissão que preparara enquanto ia para casa, olhou para baixo, confusa, e corou intensamente.

O caso foi, deste modo, resolvido. Madeleine ficou feliz por o seu pai não ter reparado na sua perplexidade, e o secretário de legação estava contente por escapar a qualquer outra explicação do assunto, pois não era neste capítulo que o velho senhor demonstrava o seu lado mais forte.

No dia seguinte, ele cavalgou até à vila.

III

— *Avoir, avant, avu...* é assim! *Avoir, avant, avu...* Isso mesmo, meu rapaz: *avoir, avant*.

Toda a turma conseguia perceber claramente que o professor se perdera num devaneio. Caminhava para cima e para baixo, com longos passos e olhos semicerrados, gesticulando de tempos a tempos, enquanto continuava a repetir o auxiliar de memória mal usado.

Nos bancos superiores, os rapazes começaram a rir-se entre-dentes, e os que, estando nos mais inferiores, não tinham um ouvido tão bom para os verbos franceses depressa foram contagiados. Mas o infeliz desgraçado que estava a ser examinado sentou-se, trémulo, à espera de que o professor reparasse no seu maravilhoso método de conjugação.

Este infeliz era Gabriel Garman, o filho mais novo da firma. Era um rapaz alto e magro, com cerca de 15 ou 16 anos, com um belo rosto, um nariz proeminente e porte altivo.

Gabriel sentava-se na metade inferior da turma, o que era, na opinião do professor, uma grande vergonha para um rapaz com as suas capacidades. Era, contudo, um rapaz curioso e desobediente. Distinguia-se em certas matérias, como aritmética e matemática no geral; mas naquelas que eram consideradas a parte mais importante da sua educação — grego e latim — mostrava pouca habilidade, embora Gabriel estivesse destinado a um percurso universitário.

A hilaridade geral da turma irrompeu em vários sons abafados, que despertaram, por fim, o professor dos seus profundos devaneios. Mas quando ele pegou novamente no livro,

para continuar o exame, teve a infelicidade de repetir uma vez mais:

— *Avoir, avant!* — E de seguida, meio abstraidamente: — *Avu!* Ah, seu jovem idiota! — berrou ele, num tom de voz elevado. — Ainda não sabes conjugar o *avoir*? O que vais ser na vida?

— Comerciante — respondeu concisamente Gabriel.

— O que dizes? Atreves-te a responder ao teu professor? Vais ser impertinente? Eu ensino-te! Onde estão as folhas de presença? — E o professor foi, com grandes passos, até ao seu lugar e, mergulhando na secretária, começou à procura.

Nesse preciso momento, a porta de entrada abriu-se, e uma cabeça extraordinária e com um aspecto nada escolar enfiou-se na sala. Tinha um nariz vermelho e usava uma comprida pêra americana e um barrete de marinheiro azul.

— Mestre Gabriel... — disse a cabeça, com uma voz parcialmente embriagada. — Mestre Gabriel! Está aí? Está aí sentado? *Poor boy!* Bah! Que atmosfera! Só entrei porque lhe queria dizer para descer ao estaleiro quando sair da escola; estamos a começar a forrá-lo com madeira.

Não disse mais nada, pois, ao ver o professor de pernas compridas, que, bastante chocado com esta perturbação da ordem, se aproximava a passos largos, vindo da secretária, a cabeça parou repentinamente a sua arenga e, com um sentido «Deus me abençoe! Um fantasma!», desapareceu, fechando atrás de si a porta.

Não foi preciso mais nada para provocar as gargalhadas dos rapazes, e quando, nesse mesmo instante, a campainha tocou para anunciar que a hora de lição acabara, a turma levantou-se em confusão, e o professor apressou-se, espumando de raiva, para apresentar queixa ao reitor.

Gabriel saiu tão depressa da escola quanto podia, na esperança de alcançar o seu amigo que causara a perturbação na paz escolar. Mas ele já desaparecera — tinha provavelmente descido à cidade para se fortalecer.

Este amigo era um construtor de navios, que, desde o seu regresso da América, usava o nome de Tom Robson. O seu verdadeiro nome era, ao sair de casa, Thomas Robertsen, mas fora mudado na América, e manteve-o como estava.

Tom Robson era o construtor mais esperto de toda a costa oeste, mas as suas propensões para a bebida levavam ao limite a paciência e a firmeza dos patrões. Já construía vários veleiros para a Garman & Worse, mas aquele navio, que estava então na doca seca em Sandsgaard, deveria ser a sua obra-prima. Era a maior embarcação alguma vez construída na cidade — tinha 900 toneladas³, e o cônsul Garman dera ordens para que nada fosse poupado de forma a torná-lo um navio-modelo.

Assim, Tom bebia apenas ocasionalmente, o que fazia quando chegavam a qualquer parte importante da construção, como nesse dia, pois chegara a altura de começar a aplicar as pranchas sobre os barrotos.

Como Gabriel não encontrou o amigo nem viu a carruagem de Sandsgaard, que geralmente ficava no exterior da escola, foi para casa a pé, descendo a longa avenida que levava à propriedade da firma. Era uma boa meia hora de caminhada, e enquanto saía, balançando o pesado fardo dos odiosos livros, perdeu-se em pensamentos amargos.

Encontrava, todos os dias no caminho desde a escola, os empregados de escritório mais novos que iam comer à cidade; pareciam cansados e entediados, mas, ainda assim, invejava-os. Podiam sentar-se e trabalhar todo o dia no escritório — o grande santuário onde, embora filho de quem era, não tinha nada a dizer ou a fazer. Era obrigado a confinar a sua energia ao estaleiro, onde havia muitos sítios para se esconder, e onde, à tarde, o cônsul raramente era visto. O grande navio era também a sua alegria e o seu orgulho; rastejava a todo o seu comprimento, dentro e fora, em cima e em baixo, escrutinando cada prancha de madeira e cada prego.

Por fim, começara a adquirir bastante conhecimento de construção naval, e ficara amigo de Tom Robson, Anders Begmand e dos outros carpinteiros.

³ No original, «450 *Læster*». «*Læst*» é uma antiga medida de massa dinamarquesa (também usada, por conseguinte, na Noruega), utilizada para descrever a capacidade de carga dos navios. Um navio com 50 *lester* teria, aproximadamente, cem toneladas. [N. do T.]

Aquele deveria ser o melhor navio que a cidade alguma vez produzira e quando pensava nisto quase esquecia o seu fardo de grego e latim. Gabriel sabia, por conversas que, à socapa, ouvira em casa, haver uma divergência de opiniões entre o pai e Morten, o filho mais velho, que era sócio na firma, desde que a construção deste navio fora pela primeira vez mencionada.

Morten defendia que deviam comprar, sozinhos ou juntamente com outras firmas da cidade, um navio a vapor em Inglaterra. Insistia que a altura em que os veleiros seriam inteiramente superados pelos navios a vapor não poderia estar longe.

Mas o pai confiava nos navios à vela por princípio; e, além do mais, a ideia de que a Garman & Worse teria algo em comum com as casas comerciais da cidade era-lhe bastante insuportável.

No fim, a vontade do chefe prevaleceu; o navio foi construído com os seus próprios materiais, na sua própria doca seca, e pelos trabalhadores que, geração após geração, haviam trabalhado para a Garman & Worse.

Quando Gabriel alcançou o ponto de onde podia olhar para baixo, para a baía em que ficava a propriedade de Sandsgaard, a primeira coisa que viu foi o navio.

Este estava abaixo do edifício principal, e não pôde deixar de reparar na beleza da proa e na elegante sacada da popa. Era hora de almoço, e todos os trabalhadores estavam em casa, ou nas cabanas que se estendiam ao longo do lado oeste da baía, ou dormiam deitados entre as aparas de madeira.

Enquanto estava no topo da pequena colina, que se inclinava gradualmente para baixo em direcção aos edifícios, e olhava para todos este domínios, que pertenciam, desde tempos imemoriais, à Garman & Worse, Gabriel ficava cada vez mais deprimido. Lá estava o antiquado edifício principal, com paredes caiadas de branco e cheio de trapeiras e empenas no telhado de ardósia azul ao estilo holandês. À frente da casa, no lado sul, ficava o jardim, com os seus caminhos e sebes aparadas, e o pequeno lago parcialmente coberto por caniços e arbustos espessos. No lado norte, virado ao mar, via-se a estrada de carruagens e o extenso pátio com a velha tília no meio, e atrás disso estavam quatro armazéns em fila, todos pintados de

amarelo e com portas castanhas; mais adiante, precisamente na curva mais interna da baía, ficava a doca.

Mais para cima, junto à estrada que conduzia para sul, ao longo da costa, ficava a «quinta», como era chamada. Esta consistia num celeiro, na habitação do caseiro, e outros edifícios; pois Sandsgaard era uma grande propriedade com um moinho, uma vacaria e outras coisas semelhantes.

Essa parte da propriedade nunca interessara muito Gabriel e — no entanto! —, se ao menos lhe fosse permitido ser fazendeiro, poderia desviar a sua atenção para a agricultura, e ainda assim ficar próximo do escritório da firma, dos navios e do mar. Mas ele estava destinado aos estudos e não havia nenhuma hipótese de fuga.

Não era fácil convencer o cônsul C. F. Garman. O pai fizera o seguinte: levara o filho mais velho para o negócio e enviara o mais novo para a universidade, e ele faria o mesmo. O rebelde Gabriel pensava, por vezes, que o tio Richard retirara um fraco proveito dos seus estudos universitários, mas não se atrevia a dizê-lo.

Fru⁴ Garman acreditava que um jovem só teria a beneficiar ao lutar contra as suas propensões; nada poderia ser tão pernicioso quanto saciar os desejos da carne.

Assim, não se deveria esperar ajuda de nenhum quadrante e Gabriel vagueava cabisbaixo pela alameda abaixo, carregado com o seu pesado fardo de livros, quando o seu olhar vislumbrou, a alguma distância, alguém a cavalo, que ele depressa reconheceu, e que vinha pela estrada fora, das traseiras da quinta. Era o tio Richard no *Don Juan*.

Gabriel pôs-se imediatamente a caminho, esquecendo-se logo da sua pesada carga de livros e preocupações, pensando apenas na alegria e em toda a boa comida que o tio Richard sempre trazia consigo. Decidiu correr até à cozinha para o contar a Jomfru⁵ Cordsen, para depois ir ter com o pai; porque Gabriel sabia que quem anunciava a chegada do secretário de legação era sempre bem-vindo.

4 Designação dada às senhoras casadas. [N. do T.]

5 Designação dada a mulheres não casadas. [N. do T.]

— Oh! Jesus! Deus nos ajude! — chorou Jomfru Cordsen.
— Acende o lume no forno, Martha! — E saiu a correr para arranjar uma touca limpa.

— Muito bem, meu rapazinho! — disse o cônsul Garman, acenando amistosamente a Gabriel. O cônsul Garman iniciara os seus estudos no Instituto Cristão em Copenhaga, por isso dizia «rapazinho» em vez de «rapaz» e «rapariga» sem *g*⁶.

Gabriel ficou muito satisfeito com o efeito do seu aviso. Fizera Jomfru Cordsen dizer «Deus nos ajude», o que raramente conseguia, e o seu pai fora excepcionalmente amigável, pois o cônsul Garman era habitualmente inexpressivo.

O jovem cônsul, como era geralmente chamado desde o tempo em que o seu pai, o velho cônsul, era o chefe da família, não era tão alto quanto o irmão mais novo, e enquanto o secretário de legação se tornara mais robusto com os anos, o primeiro parecia ter ficado mais magro e mais pequeno. O seu cabelo era liso, fino e ligeiramente grisalho, cuidadosamente escovado para parecer ser mais do que era, tinha olhos vivos e de um azul claro, e o seu maxilar inferior era um pouco proeminente.

Escanhado e bem penteado, com uma rígida gravata branca, botas lustrosas e uma bengala de cabeça prateada — a sua aparência geral exhibia prosperidade. Cada palavra, cada movimento — até mesmo o pequeno movimento característico com que apoiava o queixo na rígida gravata — era seguro, firme e adequado. O rigor era, na verdade, uma palavra que parecia ter sido feita para o jovem cônsul; tanto a sua aparência quanto a sua carreira a reflectiam até à última fibra.

Além do vasto negócio e da grande fortuna, o cônsul Garman herdara também ilimitada admiração e respeito pelo pai. Morten W. Garman — o velho cônsul —, que chegara à administração de Sandsgaard numa altura em que esta pouco valor

6 A frase original, *sagde han Dreng istedetfor Gut og Pige uden g*, apresenta um jogo de palavras de difícil tradução para o português. *Dreng*, palavra já em desuso, significa «rapaz», «mancebo», ou até mesmo «criado»; *Gut*, ou *Gutt* em norueguês actual, tem um significado semelhante, embora fosse mais usada para designar amigavelmente um rapaz sagaz, arguto, ou um filho. Tomei assim a liberdade de traduzir, nesta frase, *dreng* como «rapazinho». *Pige* (*Pike* em norueguês actual) significa «rapariga», e fica, sem o *g*, *pié*, que remete para *pietet* («devoção»). [N. do T.]

tinha, e estava sobrecarregada de dívidas, e quando o negócio em si estava num estado bastante confuso, devido ao pai. De modo a manter o negócio activo, Morten W. Garman associou-se a um velho comandante rico, de nome Jacob Worse — daí o nome da firma. Graças ao dinheiro do velho Worse, o vacilante negócio voltou à vida, e a grande capacidade de Morten Garman tornou, em poucos anos, a firma uma das mais importantes da costa oeste.

Mas quando o velho Worse morreu, e o filho tomou o seu lugar na firma, depressa se tornou evidente que Morten Garman e o jovem Worse não seriam capazes de trabalhar juntos. «Após um acordo amigável», Worse retirou-se com uma fortuna considerável, e Garman manteve o negócio e a velha propriedade de família de Sandsgaard. A grande fortuna dos Garmans datava, de facto, dessa altura, enquanto Worse esbanjou o seu dinheiro em poucos anos e morreu na falência. Dizia-se que Worse deixara o negócio de forma bastante apressada, precisamente quando os bons tempos estavam a começar; mas essa era a sorte dos Garmans.

A propósito, parecia que a viúva de Worse e o filho, que tinham um pequeno negócio na cidade, estavam a reerguer-se nos últimos tempos. Mas, como ninguém conhecia por dentro o acordo entre Garman e Worse, ninguém poderia acusar Morten W. Garman de desonestidade nos negócios. E o filho — Christian Fredrik — seguia de perto os seus passos, sempre de acordo com a máxima: «O que faria o pai nestas circunstâncias?»

Assim, aumentou a riqueza regularmente, e tudo correu de forma segura e monótona, até que o jovem cônsul começou a envelhecer, e o seu filho mais velho, Morten, voltou para casa vindo do estrangeiro e entrou na firma. Desde então, muitas mudanças aconteceram.

O jovem «comerciante», como era chamado, tinha a cabeça cheia de novas ideias trazidas do estrangeiro: devia-se correr até à cidade, escrever e telegrafar para todo o mundo, oferecer-se e recomendar-se — tudo o que era novo e estranho à Garman & Worse.

— Deixa-os vir até nós — dizia o cônsul.

— Não, meu querido pai! — respondia Morten. — Não vê que está a ficar ultrapassado? Não adianta de nada ficar parado hoje em dia; tem de manter os olhos abertos, ou então corre o risco de perder o melhor do negócio e ficar apenas com os restos.

Morten tanto insistiu que o cônsul foi, por fim, obrigado a deixá-lo montar um escritório na cidade, mas com o seu próprio nome. «Garman & Worse» seria ainda encontrada apenas em Sandsgaard, e era para lá que aqueles que desejavam negociar com a firma tinham de se deslocar.

Entretanto, uma considerável parte do negócio passava através do escritório do comerciante na cidade. O cônsul não ficava muito satisfeito com isto, mas sentia-se obrigado a apoiar o filho, que fora o que o seu pai sempre fizera, e a firma ficou, por conseguinte, envolvida em muitas transacções em que o cônsul nunca se envolveria.

Para os empregados da firma, o jovem cônsul era um ser superior. Todas as cabeças se vergavam sempre que atravessava o escritório, e cada uma parecia sentir que os frios olhos azuis penetravam tudo e em todo o lado — livros, registos de contas e cartas — e até mesmo nos seus segredos mais íntimos. Acreditavam que ele conhecia cada página do livro de contabilidade e que poderia citar contas complicadas, coluna por coluna, e, se houvesse a mais pequena irregularidade em algum lugar, eles apostariam que esta não conseguiria escapar ao olhar do jovem cônsul.

Era convicção geral que se todos os credores da firma, ou mesmo o próprio diabo, metessem na cabeça entrar no escritório, não se encontraria o mais pequeno erro num dos pesados e bem encadernados livros de contas.

Havia, contudo, um registo contabilístico em que nunca nenhum deles mexera, e era o do secretário de legação. Nenhum olho mortal alguma vez o vira; alguns pensavam que poderia estar no livro vermelho do próprio cônsul; outros pensavam que nunca existira tal coisa. A correspondência com o secretário de legação era também pessoalmente tratada pelo patrão; e o mais estranho era que estas cartas nunca eram copiadas. O pessoal do escritório especulava muitas vezes,

chegando finalmente à conclusão de que o jovem cônsul não queria que ninguém conhecesse qual a posição de Richard Garman na firma.

Uma coisa era certa, e confirmada por longa experiência: o cônsul atribuía grande importância às cartas que chegavam do faroleiro. Lia-as antes do resto da correspondência, e se, por acaso, alguém entrava quando com isso estava ocupado, tapava-as sempre com uma folha de papel.

Certa vez, um dos secretários mais jovens assegurara ter visto uma letra de câmbio numa das cartas do secretário de legação. Mas a declaração encontrara pouca credulidade no escritório, pois sabia-se que não existia, em toda a firma, um único papel que contivesse o nome de Richard Garman. E ainda mais incrível era a história contada pelo mensageiro do escritório, num dia em que declarara ter trazido uma carta de Bratvold. Quando ele — o mensageiro — entrou com a caderneta bancária, o jovem cônsul estava junto da secretária com uma carta numa das mãos e duas letras de câmbio na outra, muito vermelho no rosto e curvado, como se fosse sufocar. O mensageiro pensou, ao início, que o cônsul tivera um ataque, e então — aí todos os ouvintes perceberam que era mentira — ele, o mensageiro, ouvira claramente o cônsul — o jovem cônsul! — soltar uma pequena, mas inconfundível, gargalhada. Era, obviamente, um mal-entendido; todos sabiam que o jovem cônsul era incapaz de se rir.

Publicado em 1880, *Garman & Worse* é o primeiro romance de Kielland, máximo expoente da literatura norueguesa, fonte de inspiração para Thomas Mann e a sua famosa obra *Os Buddenbrook*. Em parte recorrendo a episódios da sua própria história familiar, Kielland descreve a ascensão de duas famílias da alta burguesia de finais do século XIX, ligadas entre si por laços de parentesco e, sobretudo, por um entreposto comercial. O resultado é uma obra-prima do romance naturalista europeu, no qual a profundidade da análise psicológica se conjuga com um estilo único que traça verdadeiros quadros de ambiente verista, atacando com veemência e admirável olhar crítico e humor a hipocrisia das instituições sociais.

ISBN 978-989-623-249-8



9 789896 232498



cavalo de ferro